



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Rapoport, Andrea; Piccinini, Cesar Augusto
O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 81-95
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814107>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas: Alguns Aspectos Críticos

Andrea Rapoport^{1,2}

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo examina algumas questões teóricas e estudos empíricos acerca do ingresso de bebês e crianças pequenas na creche. Analisa-se, em particular, a problemática da separação precoce e as conseqüências para o desenvolvimento da criança. Discute-se, ainda, os fatores que interferem na adaptação à creche e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês e crianças pequenas para se adaptar e enfrentar às situações estressantes no contexto da creche. Embora haja consenso sobre a complexidade do período de adaptação, há algumas inconsistências entre os estudos sobre o período mais adequado para ingresso na creche, sendo que alguns estudos apontam para períodos mais críticos. De qualquer modo, a adaptação à creche depende de diversos fatores, o que não permite basear-se em um ou outro fator isoladamente.

Palavras-chave: Creche; adaptação à creche; comportamento de enfrentamento.

The Entrance and Adjustment of Infants and Toddlers to Daycare Center: Some Critical Aspects

Abstract

The present article examines some theoretical aspects and empirical studies related to the entry of babies and young children into the daycare center. The problems of early separation and its consequences to child development are also examined. The factors which interfere in adaptation to the daycare center and the infant's coping strategies are discussed. Although there is consensus about the complexity of the period of adaptation, there are some inconsistencies among the studies about the most adequate period for entering daycare center, with some studies pointing out as more critical. In any case, the adaptation to daycare center depends on various factors, which does not allow us to make predictions based on any isolated factor.

Keywords: Daycare center; daycare adjustment; coping behaviors.

O contexto social das últimas décadas, em que as mulheres estão entrando cada vez mais no mercado de trabalho tem exigido novas opções para o cuidado alternativo de bebês e crianças pequenas. Quando se fala em cuidados alternativos, estes abrangem quatro tipos

(1994). Embora isto varie entre as principais opções adotadas no Brasil, o mais comum e alternativo é a creche.

Inicialmente, as creches não atendiam a população de baixa renda, mas com o tempo foram se tornando mais acessíveis.

uma instituição educativa, sendo um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado. A partir da nova LDB (20/12/1996) a creche passou a ser incluída como parte da educação infantil responsável pelas crianças até os três anos de idade e as pré-escolas para crianças de quatro a seis anos.

A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida é um tema que tem gerado controvérsias no meio científico e leigo, pois implica em separações diárias do bebê de sua mãe, enquanto ele ainda é muito pequeno. Embora muitas pesquisas tenham examinado as conseqüências para a criança de seu ingresso na creche, um número mais reduzido tem investigado o processo de adaptação da criança à creche, principalmente em relação à criança menor de dois anos (Fein, 1995; Fein, Gariboldi & Boni, 1993; Zajdeman & Minnes, 1991). O trabalho com crianças pequenas requer cuidados especiais e o planejamento do atendimento é diferente do realizado com as crianças maiores. Deste modo, estudos nesta área são fundamentais, principalmente dentro do novo contexto social em que muitas mães precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento do filho.

Neste sentido, espera-se com o presente trabalho contribuir para a compreensão do processo de adaptação de bebês à creche e para capacitação dos profissionais que atuam nesta área. Inicialmente examina-se a problemática sobre separação precoce, e as eventuais conseqüências de cuidados alternativos para o desenvolvimento infantil. A seguir analisam-se diversos fatores que interferem no processo de adaptação à creche. Por fim, discute-se a literatura sobre as estratégias do bebê para enfrentar os eventos potencialmente estressantes durante a adaptação à creche.

A Separação Mãe-Criança como Objeto de Estudo

Não se podem examinar as questões teóricas sobre separação mãe-criança e suas conseqüências sobre o

estavam separadas de suas mães e eram internadas em creches. Outro foi realizado por Spitz (1945) com crianças internadas por problemas de saúde e que sofriam de hospitalismo.

Além destes, o estudo solicitado para o 1º Congresso Mundial da Saúde a Bowlby em 1951, incluído no livro *Maternos e Saúde Mental*, teve forte repercussão científica. Neste estudo ele ressaltou as implicações para o desenvolvimento da personalidade de crianças com materno inadequado na primeira infância. Em suas separações neste período (Bowlby, 1951; Bowlby, 1995) enfatizou que seria essencial para a criança que o bebê e a criança pequena tivessem uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou com a substituta) e que fosse prazerosa e satisfatória para ambas. Segundo o autor, uma personalidade estável e adequada só poderia construir-se a partir da certeza de contar com a presença das figuras de apego e com a certeza de que elas poderiam ser atribuídas à privação do contato com elas ou descontinuidade na relação da criança com a mãe materna durante os primeiros anos de vida. A proximidade com a mãe seria fundamental nos três primeiros anos de vida da criança, mas não devia ser considerada como complementada pelos cuidados de outros adultos, pai, irmãos, parentes e outros.

A teoria do apego de Bowlby (1969) afirma que a tendência para se estabelecerem relações de apego com determinada pessoa é uma necessidade tão importante quanto a alimentação e a segurança. O apego que a criança estabelece com a mãe ou com a principal depende da responsividade e da disponibilidade da pessoa com a criança e não da satisfação das necessidades primárias da criança pelo adulto. Além disso, Bowlby assinalou que o longo período da infância é um período em que a criança vulnerável e impotente para lidar com a morte principalmente nos primeiros anos de vida depende da função de sobrevivência, já que busca manter uma proximidade segura com a mãe ou com a substituta. O apego é uma

variariam conforme circunstâncias próprias do indivíduo e da situação. O desenvolvimento do apego requer que a criança tenha a capacidade cognitiva de manter sua mãe na memória quando ela não está presente, capacidade esta desenvolvida na segunda metade do primeiro ano (Bowlby, 1989). A visão de um estranho provoca uma resposta de medo em algumas crianças de sete meses e em quase todas de nove meses. Na mesma época em que a criança começa a ter medo de pessoas estranhas passa também a temer objetos e situações estranhas. Ao final do primeiro ano, o bebê aproxima-se do familiar e das coisas agradáveis, afasta-se quando percebe situações potencialmente perigosas e evita o desconhecido e o desagradável. Estas reações são vistas como uma resposta adaptativa fundamental (Bowlby, 1973/1993). Em geral, a angústia durante a ausência materna tem um pico em torno dos dezoito meses e começa a decrescer até que aos três anos de idade a angústia de separação é menos observada (Weinraub & Lewis, 1977).

As reações da criança à separação materna têm sido distinguidas entre o protesto de separação e a angústia de separação (Bowlby, 1973/1993). O protesto de separação refere-se à resposta de protesto da criança à situação durante a qual a mãe a deixa e a angústia de separação refere-se à resposta da criança por ter sido deixada por sua mãe. Bowlby definiu, ainda, algumas formas de comportamento que são indicativas de medo, despertado pela separação ou por situações, pessoas e lugares estranhos. Exemplos destes comportamentos são o olhar de cautela, inibição da ação, expressão facial assustada, tremor ou choro, busca de abrigo, esconder-se e agarrar-se a alguém. Estas formas de comportamento indicativas de medo são seguidas por três tipos de resultados previsíveis: imobilização, distância crescente de um tipo de objeto (ameaçador) e proximidade crescente de outro tipo de objeto (capaz de fornecer proteção).

Existem diferenças nas reações da criança à separação materna prolongada. Enquanto algumas crianças parecem

familiar e/ou em um ambiente da mãe ou da figura de apego ou a estímulos novos e familiares em um ambiente desconhecido.

O trabalho de Bowlby é o que se dedicam ao estudo do apego especificamente, na área do apego e cuidados alternativos. Dentro de examinam-se, a seguir, estudos das conseqüências da entrada em cuidados alternativos, principalmente da vida.

Conseqüências da Entrada em Cuidados Alternativos para o Desenvolvimento

Embora atualmente não seja visto como um ser passivo, mas sim como um ser capaz e ativo, com um papel importante no desenvolvimento, esta nova visão da criança em unidade às diversas visões sobre o ambiente no desenvolvimento (Zigler, 1986). A partir de diferentes muitas pesquisas começaram a examinar as conseqüências da entrada em cuidados alternativos a curto e longo prazo, sob o aspecto emocional, social e intelectual. As conseqüências dos cuidados alternativos no desenvolvimento da criança têm sido inconsistentes (Chase-Lansdale, Greenberger & Nagel, 1996; Miller, 1988). Isto pode ser atribuído a fatores que podem estar associados aos cuidados alternativos (Bates & Gamble & Zigler, 1986); a diferenças metodológicas (Vandell, 1985); e à dificuldade em se medir o apego (Clarke-Stewart, 1988; Hubbs-Tait & Rieser-Danner, 1988).

quando comparados com os bebês cujas mães permaneceram em casa durante o primeiro ano de vida.

Com a mesma proposta de avaliar o apego de crianças em cuidados alternativos, Belsky e Rovine (1988) realizaram um estudo longitudinal comparando crianças que entraram antes dos nove meses em cuidados alternativos com aquelas cuidadas exclusivamente pelas mães. Os autores encontram que aos 12 meses crianças com 20 horas ou mais por semana em cuidados alternativos tiveram mais probabilidade de apresentarem apego inseguro. Isto era acentuado no caso de meninos em cuidados alternativos em tempo integral que tinham mais probabilidade de apresentarem apego inseguro do que meninas. Não foram encontradas diferenças entre as crianças que permaneciam em cuidados alternativos por menos de 20 horas e as que permaneciam em casa cuidadas exclusivamente pelas mães. Em outra pesquisa, Belsky e Braungart (1991) também encontraram que crianças com mais de 20 horas semanais de cuidado alternativo no primeiro ano de vida apresentavam mais negatividade, menos independência, choravam mais e se engajavam menos em jogos do que crianças com menos horas em cuidados alternativos.

Considerando que existem fases durante as quais parece ser mais difícil para a criança lidar com separações, Varin, Crugnola, Molina e Ripamonti (1996) estudaram crianças de três anos que haviam entrado no mesmo tipo de creche desde os seis meses. Os resultados mostraram vantagens e desvantagens do ingresso precoce na creche. Nem todas as crianças que ingressam na creche antes de um ano apresentariam risco de desenvolver problemas emocionais, mas algumas seriam menos hábeis em lidar com o estresse da separação precoce. Os resultados mostraram que crianças que entraram na creche entre 6-11 meses e 18-23 meses experienciaram mais reuniões difíceis com os pais, em comparação com aquelas que entraram entre 12-17 meses ou depois dos 24 meses. O grupo de 6-11 meses apresentou também mais

numa creche de boa qualidade têm mais tempo para aprender a brincar com o

Alguns autores têm apontado para uma relação negativa entre cuidados alternativos e o desenvolvimento posterior da criança, especialmente no caso de meninos (Chase-Lansdale & Owen, 1987; Gambale & Zigler, 1986; Goldberg e cols., 1996). Um estudo realizado por Chase-Lansdale e Owen (1987) examinou famílias em que as mães não trabalhavam fora e outras cujas mães trabalhavam fora e retornaram ao trabalho quando o filho tinha entre duas semanas e seis meses. Os dados revelaram que crianças com menos de seis meses, de mães que trabalhavam fora, apresentavam mais probabilidade de desenvolverem apego inseguro do que meninos filhos de mães que não trabalhavam. No caso das meninas, não foram encontrados efeitos negativos. Os autores concluíram que os meninos cujas mães trabalhavam fora eram menos bem tratados por seus pais com apropriação emocional e sensibilidade, porque os pais esperavam que eles se oferecendo-lhes menos apoio do que as meninas. Estas crianças eram geralmente vistas como mais responsáveis e isto era compensado com uma responsabilidade mais consistente.

Além disso, o estresse da mãe por causa da falta de disponibilidade emocional e física, pode ter efeitos negativos para a interação mãe-criança e para o apego (Gamble & Zigler, 1986). Mulheres que trabalham fora freqüentemente se sentem pressionadas durante suas jornadas de trabalho. Algumas têm uma menor sensibilidade aos seus bebês porque estão ocupadas enquanto outras, provavelmente tentam compensar e encorajar a independência de sua criança para ser possível. Contudo, exigir que as mães trabalhem em casa cuidando do bebê não contribui para um apego seguro, especialmente quando a mãe precisa trabalhar ou precisa fazê-lo em função de condições financeiras limitadas (Berk, 1991).

Contrariando em parte os resultados

os autores, estes resultados sugerem que os cuidados alternativos precoces podem ter efeitos negativos para crianças que apresentavam apego seguro, enquanto que para crianças com apego inseguro podem ser um fator protetivo, especialmente para sua auto-estima e na área social. Os cuidados alternativos, neste caso, podem compensar uma relação empobrecida com a mãe, através de cuidados mais estáveis e consistentes no ambiente de cuidado substituto.

Outros estudos também não encontraram resultados significativos quanto às conseqüências negativas dos cuidados alternativos iniciados no primeiro ano de vida do bebê. Por exemplo, num extenso estudo americano realizado pelo NICHD (1997) foram investigadas as condições sobre as quais a rotina de cuidados alternativos experienciada pelas crianças nos seus primeiros 15 meses de vida podia levar a um aumento nos índices de apego inseguro. Os resultados não indicaram diferenças na classificação do tipo de apego entre os bebês cuidados pelas mães e aqueles em cuidados alternativos. Nenhum dos fatores relacionados aos cuidados alternativos (qualidade, quantidade, idade de ingresso, estabilidade ou tipo de cuidado) apareceu associado com o tipo de apego do bebê. Houve, entretanto, efeitos significativos relacionados à sensibilidade e responsividade materna. Bebês cujas mães apresentavam baixa sensibilidade e responsividade e que recebiam cuidados alternativos de baixa qualidade ou cuidados não estáveis, eram menos propensos a terem apego seguro.

Dentro desta mesma perspectiva, Thompson (1990) reanalisou os dados de Belsky e Rovine (1988) e de Barglow e colaboradores (1987) e não encontrou diferenças na incidência de apego seguro entre grupos de cuidados alternativos. Embora bebês com cuidados alternativos extensivos nestes dois estudos tenham mostrado uma tendência maior para apego evitativo, esta diferença não foi substancialmente diferente do esperado. Como a maioria dos bebês com experiência de cuidados

muitas creches de má qualidade, ao grande número de crianças das eventuais trocas de educadoras, instabilidade na relação da criança submetida a muitas separações e formação de novos vínculos e Howes (1990) pesquisou crianças de boa e má qualidade. As crianças em centros de má qualidade que tinham dificuldade com pares quando classificadas por suas educadoras como mais distraídas e menos envolvidas. Aquelas crianças que entraram em centros de boa qualidade eram diferentes daquelas que ingressaram em centros de má qualidade.

Com base nestes estudos parece fundamental não parece ser o tipo de cuidado, mas a qualidade destes cuidados para o desenvolvimento infantil. A importância de se examinar a qualidade do cuidado alternativo, vários autores (Dionisi, 1990; Howes, 1990; Zajdeman & Thompson, 1990) têm se empenhado em definir critérios para avaliar os cuidados alternativos, como se segue.

O Processo de Adaptação

Embora muitos autores tenham estudado os primeiros dias na creche e como as crianças se organizarem atividades espaciais, o período designado como período de adaptação tem em consenso quanto à definição de adaptação quanto à caracterização deste período. A adaptação teria início nos primeiros dias na creche, pois as primeiras experiências se dão na forma como estes vão se relacionando com os outros (Vitória & Rossetti-Ferreira, 1990). A adaptação envolveria desde o momento de ingresso na creche até o final do primeiro ano de vida.

esta reação nem sempre seja evidente (Bloom-Feshbach e cols., 1980). Brazelton (1994) enfatizou que muitos bebês e crianças pequenas que adaptam-se bem de início podem logo depois começar a dar sinais de regressão em casa. Podem aparecer sintomas que, aparentemente, nada têm a ver com a creche, como problemas de sono e alimentação e acessos de raiva que já pareciam superados.

Deste modo, para avaliar a adaptação de um bebê ou de uma criança à creche, é importante considerar o tempo em que estão na creche. O processo de adaptação não se resume aos primeiros dias, mas pode durar meses. Faltas freqüentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que tende a se estender por mais tempo (Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). Além disso, as reações à separação nem sempre desaparecem quando a criança está satisfeita e adaptada à creche. Por exemplo, o período após as férias e as segundas-feiras quando as crianças deixam suas casas após o fim de semana com os pais são eventos que podem estar associados a retrocessos (Balaban, 1988a).

Com o objetivo de examinar a resposta de crianças à separação nos três primeiros meses na creche Bloom-Feschbach, Bloom-Feschbach e Gaughran (1980) investigaram comportamentos diretamente relacionados com a separação como choro, protesto verbal, ficar grudado nos genitores, bem como comportamentos diretamente relacionados com a educadora. Os autores constataram que as expressões de sofrimento na separação podiam perdurar durante quatro semanas e ainda estar associadas com uma adaptação positiva, sendo o protesto direto uma reação natural e esperada à separação, parte de uma adaptação saudável à creche. A adaptação problemática esteve particularmente associada aos padrões de resposta à separação que envolviam o comportamento apático, retraído e distante da criança.

No estudo realizado por Fein e colaboradores (1993), com crianças de quatro a 19 meses os autores verificaram que assim que o ambiente se tornava familiar, as crianças

Fatores que Interferem na Adaptação à Creche

Existem muitos outros fatores que foram estudados, que interferem na adaptação de bebês e crianças pequenas aos cuidados em creche. Entre eles podemos destacar sentimentos de insegurança no ingresso do filho na creche, ansiedade da criança e a qualidade do atendimento. Na maioria das vezes, estes fatores atuam conjuntamente, sendo difícil examinar o papel de cada um no processo de adaptação aos cuidados em creche. Para facilitar sua análise eles serão tratados separadamente.

Um primeiro fator que influencia a adaptação durante o período de adaptação é a situação familiar, principalmente a mãe. A reação da mãe à entrada do filho na creche é um fator importante (Ferreira & Amorim, 1996). É comum que as mães sejam inseguras e desconfiadas, principalmente quando o primeiro filho e se for único, é levado para uma creche que é mais difícil para os pais aceitar. A insegurança que para a criança adaptar-se à creche (Brazelton, 1994). As mães podem ter sentimentos ambivalentes, com medo de deixar suas crianças aos cuidados da creche (McMahon, 1994).

O que motiva os pais a buscar cuidados alternativos e a escolha da creche também podem influenciar na adaptação (Fein & OConnor, 1996). Esta adaptação é influenciada por inúmeros fatores entre eles características da criança, tipo de família (uniparental ou nuclear), características demográficas e nível sócio-econômico. Segundo os autores, a escolha da creche alternativo esteve muito mais relacionada com a adaptação do que a problemas na adaptação.

Em estudo realizado por Fein e colaboradores (1993) encontrou diferenças qualitativas na adaptação de

Como já foi assinalado acima, uma questão básica na mediação da adaptação é a qualidade do atendimento, para a qual contribui muito a razão adulto-criança existente na creche. No estudo realizado por Howes (1990), centros de atendimento de alta qualidade tinham razão adulto-criança de 1:4, para crianças até dois anos e de 1:6 a 1:7, para crianças mais velhas. Nos locais de má qualidade, a razão variava de 1:6 a 1:12, para crianças com menos de um ano e 1:10 a 1:15, para crianças maiores. Além disso, crianças em centros de alta qualidade não tiveram mais do que dois cuidadores diferentes no primeiro ano, um cada turno. A média de cuidadores em centros de má qualidade variava entre três e oito. Outros critérios que se destacam são o tamanho do grupo adequado a cada faixa etária; o espaço físico e o planejamento da rotina; condições satisfatórias de trabalho e a formação dos educadores.

Segundo Zigler e Ennis (1989), a baixa qualidade da creche pode resultar em ansiedade e aumento de estresse nos pais. Por outro lado, quanto maior a satisfação da mãe com o cuidado dispensado, menor a sua apreensão em colocar e manter a criança na creche. O comportamento do cuidador é um dos aspectos da qualidade do atendimento mais relevantes para compreender a adaptação da criança à creche. A qualidade dos cuidados pode depender em parte da habilidade dos profissionais de serem responsivos levando em conta os padrões individuais de cada criança (Fein, 1995). Por exemplo, Hestenes, Kontos e Bryan (1993) verificaram que diferentes aspectos da qualidade da creche estiveram relacionados às expressões emocionais da criança, sendo que o melhor preditor do afeto da criança foi o comportamento da educadora (i.e. cuidados apropriados, envolvimento, engajamento e interação, encorajamento de linguagem receptiva e expressiva, horários apropriados e supervisão das atividades). Crianças com educadoras com maior nível de engajamento expressaram mais afeto positivo enquanto aquelas com educadoras pouco

capacidade cognitiva de manter a mente na tarefa quando ela não está presente. Do mesmo modo, crianças com mães que temiam pessoas, objetos e situações estranhas mostraram mais ansiedade durante a separação da mãe (Bowlby, 1973/1982). Rodriguez, os bebês de 6-12 meses de idade, a atenção do cuidador, eram freqüentemente deixados fora de vista e se tornavam mais ansiosos com outras crianças pela sua atenção. Apesar disso, nesta fase, os bebês mostraram-se mais facilmente confortados. A segunda faixa etária exarceba a crise de separação coincide com a fase descrita por Mahler (1968) como crise de reaproximação. Conforme Mahler, neste momento a criança já caminha e procura a mãe, o que de um lado lhe dá prazer, mas de outro a ansiedade de separação, fazendo-a retornar ao período de crescente consciência da separação, acompanhado, muitas vezes, de um comportamento de perseguição da sua mãe. A ansiedade emocional da mãe é fundamental nesta fase. Como com Rodriguez (1981) crianças bem adaptadas estavam na creche há meses, durante o período freqüentemente voltavam a protestar na primeira hora choravam e ficavam grudadas às suas mães logo que entraram na creche. Para o autor, isso sugere que o processo de adaptação das crianças pequenas a cuidados alternativos não é necessariamente simples e linear, podendo ocorrer retrocessos no próprio desenvolvimento infantil.

Rodriguez (1981) também observou que nos primeiros dias na creche muitos bebês apresentaram comportamento de protesto marcado por choro enquanto crianças pequenas ficavam grudentas. Este protesto ativo era freqüentemente observado no período de indiferença com um retorno ao protesto dentro dos primeiros dois meses. Estas reações podem ser atribuídas à crescente familiaridade com as rotinas das crianças do grupo (Fein, 1995), com os procedimentos e rotinas e ambiente da creche (Howes et al., 1992).

da creche entre os bebês de 4-5 meses, o que não ocorreu com os bebês de 7-8 meses. Além disso, observaram-se diferenças nas reações na chegada à creche entre os grupos estudados. Enquanto os bebês de 4-5 meses não manifestaram protesto no momento da chegada, dois bebês de 7-8 meses demonstraram, desde o primeiro dia, intenso sofrimento, decorrente da separação da mãe. O choro deles era muito intenso desde o momento da chegada prolongando-se após a partida materna. É possível que a idade destes bebês, na qual é comum uma forte reação frente a estranhos, tenha contribuído para as dificuldades de adaptação.

Outro estudo realizado com educadoras de creche (Rapoport & Piccinini, 2000) também apontou diferenças na adaptação de bebês em função da idade de ingresso (4-5 meses e 8-9 meses). De acordo com as educadoras, a adaptação dos bebês de 8-9 meses requer maior preparação e cuidado, sendo em alguns aspectos uma etapa mais crítica do que a do outro grupo. Entre os cuidados necessários salientados pelas educadoras destacam-se o horário reduzido nos primeiros dias, a organização do tempo na creche e a preparação da adaptação através de atividades específicas. Além disso, o tempo que o bebê demora a se adaptar parece ser menos previsível para os bebês de 8-9 meses do que para os menores. É possível que isto esteja relacionado com as diferenças individuais mais marcantes neste grupo de bebês maiores. Em relação aos indicadores de adaptação à creche, a interação com a educadora, com o ambiente e com outros bebês foram mais citados para a faixa de 8-9 meses enquanto as manifestações afetivas gerais foram mais mencionadas para os bebês de 4-5 meses.

O temperamento é outro fator que tem sido muito citado nos estudos sobre adaptação da criança à creche (Klein, 1991). Por exemplo, uma criança que inicialmente é tímida e retraída diante de situações novas vai eliciar comportamentos diferentes na educadora do que os

No estudo realizado por Z... o temperamento da criança... significativo na sua adaptação... Entre as dimensões de temp... preditor mais forte, segundo a... seria o humor da criança. Qua... crianças eram percebidas... favoravelmente eram julgadas... alternativo. Por outro lado, q... humor da criança, mais adv... experiência inicial. O segundo... atividade. Quanto mais ativa... sua adaptação. O terceiro p... aproximação e afastamento, ist... para experienciar novas situ... pessoas. Quanto maior a dis... novas situações e encontrar... adaptação. Contudo, na avalia... criança feita pela própria mãe... do temperamento emergiu co... para a adaptação. Segundo... resultado pode ter ocorrido p... e cuidadores (mãe e educad... nos cuidadores diferentes per... da criança. Os autores ressa... estudos têm mostrado q... provavelmente enfrenta algu... interações iniciais no ambien... aquela com estilo de temperan... mostram adaptabilidade lenta... no ambiente, apresentam hum... afeto e irregularidade nas funç...

Ao examinarem os melhor... Klein e Ballantine (1988) tamb... dimensões do temperamento... adaptação. A dimensão ada... preditor para adaptação aos... foi significativo para pares e...

fator isolado foi preditivo em 4% a 9% dos casos de problemas de adaptação num estudo com pré-escolares. Os resultados indicaram que fatores de risco isolados presentes na infância não prediziam a adaptação, mas a combinação de dois ou mais fatores de risco esteve associada a problemas de adaptação à creche. Entre estes fatores, temperamento difícil esteve incluído na maioria das combinações que resultou num substancial aumento da preditibilidade. Sendo assim, uma criança, com temperamento difícil, pode não estar em desvantagem num ambiente adequado, com pouco estresse, mas pode ter dificuldades em responder de forma apropriada e adaptativa quando outros estressores estão presentes.

Sem pretender esgotar a análise dos fatores relacionados ao processo de adaptação, dois outros fatores ainda pouco investigados poderiam ser mencionados e que foram examinados por Davies e Bremner (1991). Um deles refere-se a diferenças de sexo da criança. Os autores verificaram que a avaliação das educadoras apontava os meninos como mais ansiosos e agressivos e com mais dificuldades de aprendizagem do que as meninas, demorando mais para se adaptar à escola do que meninas da mesma idade. Além disto, eles tendiam a tomar mais o tempo das educadoras. Entretanto, os dados sobre eventuais diferenças sexuais na adaptação não são muito consistentes. Assim, no estudo de Zajdeman e Minnes (1991), os autores não encontraram o sexo da criança nem a interação do sexo com idade como preditores significativos da adaptação da criança aos cuidados alternativos. Outro fator menos investigado seria o turno de frequência à creche, também estudado por Davies e Bremner (1991). Os autores verificaram que as crianças atendidas pela manhã eram, de modo geral, melhor adaptadas do que as atendidas à tarde. Os autores explicaram este resultado pelo fato das educadoras trabalharem nos dois turnos, estando mais cansadas à tarde e serem mais rígidas em seu tratamento e julgamento das crianças deste turno. Além disto, as crianças da tarde

amplamente aceito que contemplem os principais fatores e, principalmente, a interação entre eles. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) utilizaram um modelo utilizado para investigar a interação entre a criança, de sua família e da educadora durante a adaptação à creche. Este modelo propõe a análise das significações, de configuração social, que permitem compreender o desenvolvimento humano. Neste modelo aparecem os componentes individuais (i.e. mãe, bebê e educadora), os contextos sociais que podem ou não ser estabelecidos entre eles (i.e. família e creche) e a matriz social formada pelos elementos culturais, econômicos, políticos e legais.

Estratégias para Enfrentar os Eventos Estressantes Durante a Adaptação à Creche

Cada bebê e criança pequena apresenta uma maneira específica em relação às diversas situações estressantes que encontrará durante a adaptação à creche, utilizando-se de estratégias próprias para enfrentar estas situações. Desde o nascimento, as crianças são confrontados com inúmeras situações estressantes, ameaçadoras e desafiadoras que requerem a adaptação (Compas, 1987). Todos os indivíduos desenvolvem formas de enfrentar o sofrimento produzidos pela exposição a estas situações (Skarpness, 1988; Compas, 1987; Karraker, 1994). Para os bebês que vão à creche, a separação das despedidas diárias se constituem em algumas das primeiras experiências em que terão de enfrentar, sendo necessário utilizarem estratégias próprias para se adaptarem a este novo contexto.

Estratégias de enfrentamento incluem a busca por respostas a eventos ou episódios estressantes, a procura por apoio para reduzir o estresse (Carson & Skarpness, 1981; Karraker & Clinger, 1981; Karraker e cols., 1981). A tolerância ao estresse (Carson & Skarpness, 1988), a capacidade de lidar com as demandas do ambiente (Compas, 1987) e a busca por apoio

manifestado. Além disso, uma ocorrência particular pode levar a reações de estresse na maioria dos bebês, mas existem variações na intensidade e tipo de reação dos bebês, resultando em variações nas suas respostas (Karraker & Lake, 1991). Sinais de angústia podem incluir expressões emocionais negativas (chorar e choramingar, expressões faciais como cólera, tristeza e medo), inibição comportamental, evitação ou retraimento, problemas no sono, na alimentação e adoecimento (Gianino & Tronick, 1988, citados por Karraker & Lake, 1991).

No estudo de Karraker e colaboradores (1994), mães de bebês de três a 18 meses foram questionadas sobre as reações de seus bebês a uma larga variedade de eventos cotidianos estressantes. Com base nos resultados os autores elaboraram uma lista de eventos estressantes, muitos dos quais ocorrem no próprio contexto da creche, a saber: 1) eventos físicos (fome, fraldas molhadas e sujas, ser trocado/despido, cair ou bater-se, barulho); 2) eventos interpessoais (terminar uma interação prazerosa, ser deixado sozinho, ser colocado para dormir, ser deixado com uma babá, retorno dos pais depois de uma curta separação, exposição a pessoas não familiares); e, 3) mudanças no ambiente (dormir num novo lugar ou horário, mudança de alimentação, nova rotina de banho). Com base nestes eventos estressantes os autores propuseram duas categorias para classificar estratégias de enfrentamento de bebês e crianças pequenas: estratégias corporais (representam reações físicas e corporais) ou psicológicas. As estratégias psicológicas podem estar focalizadas na emoção (para o bebê tranquilizar-se) ou no problema (para tentar resolver a situação que causa estresse). Além disto, podem ser realizadas pelo bebê de forma independente ou com auxílio de um adulto, ou ainda serem antecipatórias (manifestam-se antes do evento estressante, quando o bebê percebe que ele está para ocorrer).

As estratégias de enfrentamento durante a infância são afetadas por fatores individuais e ambientais e o grau

estressantes, com as quais elas são utilizadas como estratégias de enfrentamento. Em situações de separação, como a despedida da mãe/pai, o relacionamento com a educadora, a adaptação a novas rotinas, a necessidade de dormir sozinho, as refeições e o sono.

Em contraste com as separações em situações de laboratório, a separação do pai depois de muitas horas de ausência pode reconstrução do vínculo com o pai e o investimento com o cuidado. As atividades da creche (Varin e colaboradores, 1994). Os autores, esta mudança é mais significativa para as crianças do que outras, assim como as crianças são sensíveis do que outros às mudanças de situação. Algumas vezes, reações de estresse mesmo depois da criança ter tido uma experiência na creche sem problemas. Com o tempo, o resistente pode reaparecer e a criança pode reencontro e depois desaparecer.

Field e colaboradores (1994) estudaram as despedidas diárias e os comportamentos dos dois membros da diáde. Em situações de separação a criança era deixada e buscava o contato. As observadas crianças entre 3-69 meses de idade. Os autores verificaram que a despedida e reencontro difere de acordo com a idade da criança, sexo, do tempo que a criança ficou na creche e sexo do genitor que trazia a criança. Os estilos de despedida/reencontro variaram e mantiveram certos padrões de comportamento nas observações. Durante o período de adaptação as crianças pequenas mostraram-se mais ansiosas e algumas já experienciando de separação desde a infância precoce. Enquanto o sofrimento significativamente aumentou o choro ao longo do tempo, os autores sugerem que estes comportamentos são

a criança na creche, aquelas que se mostravam angustiadas na despedida eram ambivalentes nas reuniões.

Outro estudo que se destacou ao investigar as estratégias de enfrentamento das crianças que freqüentam a creche foi desenvolvido por Jonsson, Elwin e Weingarten (1988) com crianças entre um e três anos. Os autores realizaram observações no momento que a criança era deixada na creche por seus pais e na hora em que dormiam na creche. Concluíram que as separações matinais das crianças de seu pai ou mãe constituíam-se num processo complexo e longo. Apesar das crianças estarem freqüentando a creche há pelo menos cinco meses, as reações à separação continuavam fortes em muitos casos. Os autores verificaram, ainda, que o momento da separação compreendia duas fases: a fase em que a criança era deixada na creche e a fase de adaptação, desde a saída do pai/mãe até a criança ter um nível de atuação esperado para sua idade. Durante a primeira fase, muitas crianças não se mostravam inclinadas a deixar a recepção nem tampouco tendiam a se aproximar da equipe ou de outras crianças. Quando chegava o momento dos pais irem embora, as reações de evitação eram prevalentes. Como regra olhavam para seu pai/mãe aparentemente controlando o impacto de tê-las deixado. As reações emocionais imediatas pareciam de negação e após um curto período o impacto emocional da partida era evidente. As crianças podiam ficar caladas, tristes, ansiosas ou ter reações neutras. Nesta primeira fase o pai/mãe e a criança controlavam mutuamente seus comportamentos. O processo de separação teve algumas regularidades para as díades pai/mãe-criança e traços ritualísticos para cada díade, como por exemplo, a forma com que cada pai/mãe marcava o momento em que ele/ela estava saindo. Durante a adaptação à separação as crianças usavam a equipe da creche como fonte de segurança e contato. Os resultados indicaram também que o fato de ser o pai ou a mãe quem levava tinha efeito nas reações da criança.

Juntos estes estudos apontam para u pesquisas que investiguem as estratégias dos bebês e crianças pequenas que freqüentam a creche. É inegável que a entrada na creche traz e é potencialmente estressante. Conhecendo as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos bebês e crianças, se poderá compreender melhor o processo de adaptação e planejar intervenções para minimizar as possíveis dificuldades de adaptação.

Considerações Finais

A revisão da literatura aponta para duas linhas de pesquisa nas reações da criança à separação materna: a de longa duração ou prolongada ou de curta duração. Estudos sugerem que estas reações podem estar associadas a diversos fatores, entre eles as diferenças individuais da criança pequena (temperamento, idade, experiência com a relação que mantém com os pais antes da separação, as condições nas quais a criança é cuidada, a duração da separação e grau de apoio dos pais, os sentimentos e atitudes dos pais).

Dentro desta perspectiva, muitas pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de examinar o impacto da separação dos cuidados alternativos, a curto e longo prazo, no desenvolvimento emocional. Estas pesquisas têm apresentado resultados inconsistentes quanto às consequências da ida à creche. Algumas sugerem o risco de apego inseguro para bebês que são colocados em cuidados alternativos durante o primeiro ano de vida, mais de 20 horas semanais, enquanto outras não encontraram esta associação. Na verdade, a idade de ingresso em cuidado alternativo e a qualidade do atendimento é fundamental e interage com outros fatores, constituindo-se num importante fator mediador da adaptação. Embora haja consenso sobre a importância da qualidade da creche para o desenvolvimento da criança, só recentemente tem-se começado a investigar este tema.

e o período entre 15 e 22 meses, quando, em pleno processo de individuação, a criança caminha para longe da mãe e depois necessita retornar à ela para reabastecer-se emocionalmente. Nestes períodos tenderia a ocorrer um pouco mais de dificuldades durante a adaptação e bebês que já se apresentam adaptados podem, inclusive, apresentar retrocessos.

Na verdade, não existe muito consenso nem mesmo sobre o próprio conceito de adaptação à creche, e menos ainda sobre os fatores que estão mais associados a este processo e como os bebês enfrentam as situações estressantes deste período. A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação. O período de adaptação pode ser mais longo para bebês recebendo cuidados alternativos de má qualidade ou vindo de famílias com problemas. Além disso, faltas frequentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que pode se estender por mais tempo. São comuns também regressões no processo de adaptação depois da criança já ter se mostrado adaptada. Dentre as reações manifestadas na adaptação aos cuidados alternativos o choro tende a ser a mais comum entre crianças durante este período, especialmente na chegada quando a criança é deixada pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. Mas o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. Gritos, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, comportamentos regressivos e a ocorrência de doenças também são indicadores frequentes de dificuldades na adaptação.

Além da chegada e da saída, vários outros momentos e eventos são particularmente estressantes, como por exemplo a hora de comer, dormir, troca de fraldas ou ida ao banheiro, mudanças de horário e hábitos, mudança

semana; a cada dia da semana; a cada hora da semana; apenas uma ou duas crianças, e no primeiro dia; permitir a criança ir e voltar à sala durante a adaptação, no início da adaptação, no início da sala de espera da creche; permitir a criança ir e voltar das primeiras refeições na creche; permitir a criança reduzido de bebês e crianças na sala; permitir a criança educadora; evitar ao máximo a separação da criança, facilitando uma relação estável entre a criança e o bebê e a criança pequena na creche; permitir a rotina e permitirão que o familiar não se preocupe com esteja seguro quanto aos cuidados da criança e a segurança do familiar acabará por facilitar a adaptação do bebê e da criança à creche e a confiança no ambiente e nas pessoas que trabalham na creche.

Os estudos revisados com o objetivo de obter uma compreensão sobre o processo de adaptação sugerem que muito ainda precisa ser estudado sobre a adaptação de bebês e crianças pequenas. Os estudos poderiam contribuir para identificar quais as rotinas na creche que facilitam a adaptação, organizar o espaço físico, o tempo de adaptação, como deve ser a formação dos profissionais que acompanham a família cujo filho ingressa na creche.

Referências

- Ainsworth, M., Blehar M., Waters, E. & Bell, S. (1978). *Attachment in the first year of life*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Amaral, M. F., Morelli, V., Pantoni, R. (1999). *Alimentação de bebês e crianças pequenas: mediadores, interações e programas de intervenção*. Brasileira de Desenvolvimento Humano, 14(1), 1-10.
- Averbuch, A. R. (1999). *Adaptação de bebês e crianças pequenas ao creche no segundo semestre de vida*. Dissertação de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Balaban, N. (1988a). *O início da vida escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Balaban, N. (1988b). *Separation: An opportunity for growth*. Washington, D.C.: American Psychological Association.

- Bowlby, J. (1958). The nature of the child tie to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1990). Apego: A natureza do vínculo (A. Cabral, Trad.). Em J. Bowlby (Org.), *Trilogia Apego e Perda* (2ª ed., Vol.1.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (1995). *Cuidados maternos e saúde mental* (V. L. B. Souza & I. Rizzini, Trans.) (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1976)
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações e técnicas da teoria do apego* (S. M. Barros, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1993). Separação (L.H.B. Hegenberg, O. S., Mota & M. Hegenberg, Trans.). Em J. Bowlby (Org.), *Trilogia Apego e Perda* (2ª ed., Vol.2). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973)
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil* (J. L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Carson, D. K. & Skarupness, L. R. (1988). Contributors to children's coping: A developmental overview. *Wellness Perspectives*, 2, 21-25.
- Castoldi, L. (1997). *As configurações familiares e a história de perdas e separações na família: implicações para a adaptação da criança à pré-escola*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Chase-Lansdale, P. L. & Owen, M. T. (1987). Maternal employment in a family context: Effects on infant-mother and infant-father attachments. *Child Development*, 58, 1505-1512.
- Clarke-Stewart, K. A. (1989). Infant day care: Malignant or malignant? *American Psychologist*, 44, 266-273.
- Compas, B. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 101, 393-403.
- Davies, J. & Bremner, I. (1991). The effects of gender and attendance period on children's adjustment to nursery classes. *British Educational Research Journal*, 17, 73-82.
- Davis, N. S. & Thornburg, K. R. (1994). Child care: A synthesis of research. *Early Child Development and Care*, 98, 39-45.
- Egland, B. & Hiester, M. (1995). The long-term consequences of infant day-care and mother-infant attachment. *Child Development*, 66, 474-485.
- Fein, G. G., Gariboldi, A. & Boni, R. (1993). The adjustment of infants and toddlers to group care: The first six months. *Early Childhood Research Quarterly*, 8, 1-14.
- Fein, G. G. (1995). Infants in group care: Patterns of despair and detachment. *Early Childhood Research Quarterly*, 10, 261-275.
- Field, T., Gerwitz, J. L. Cohen, D., Garcia, R. Greenberg, R. & Collins, K. (1984). Leave-takings and reunions of infants, toddlers, preschoolers and their parents. *Child Development*, 55, 628-635.
- Gamble, T.J. & Zigler, E. (1986). Effects of infant day care: Another look at the evidence. *American Journal of Orthopsychiatry*, 56, 26-42.
- Goldberg, W. A., Greenberger, E. & Nagel, S. K. (1996). Employment and achievement: Mother's work involvement in relation to children's achievement behaviors and mother's parenting behaviors. *Child Development*, 67, 100-110.
- Karraker, K. H. & Lake, M. A. (1991). Normative stress in infancy. Em E. M. Cummings, A. L. Greenberg, M. A. Parry & T. B. Parry (Orgs.), *Life-span developmental psychology: Life-span coping* (pp. 85-108). Hillsdale: Erlbaum.
- Karraker, K. H., Lake, M. A. & Parry, T. B. (1994). Infant's response to everyday stressful events. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40, 1-15.
- Klein, H. A. & Ballantine, J. H. (1988). The relations of attachment and adjustment in british infant schools. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 29, 585-595.
- Klein, H. A. (1991). Temperament and childhood depression: A cross-cultural comparison. *Early Childhood Research Quarterly*, 6, 224.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lordelo, E. A. (1997). Efeitos da experiência de creche na infância: Uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 1-10.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McCartney, K. & Galanopoulos, A. (1988). Child care: A new frontier the second time around. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58, 16-24.
- McKim, M., Stuart, B. & O'Connor, D. L. (1996). Infant care and precare differences hypotheses. *Early Education and Development*, 6, 119.
- McMahon, L. (1994). Responding to defences against separation for young children. *Early Child Development and Care*, 98, 39-45.
- NICHD Early Child Care Network (1997). The effects of infant-mother attachment security: Results of early child care. *Child Development*, 68, 860-870.
- Oliveira, Z. M., Mello, A. M., Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1996). *Creches: Crianças, faz de conta & cia*. Petrópolis: Vozes.
- Rapport, A. & Piccinini, C. A. (2000). *Concepções de educação de bebês à creche*. Manuscrito submetido para publicação em Psicologia, UFRGS.
- Rizzo, G. (1984). *Creche: Organização, montagem e funcionamento*. São Francisco: Alves.
- Rodriguez, D. T. (1981). Infant day care: How very different. *Children Today*, 10-12.
- Roggman, L. A., Langlois, J. H., Hubbs-Tait, L. & Lamb, D. (1994). Infant day-care, and the "file drawer effect". *Child Development*, 65, 1429-1443.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S. & Vitória, T. (1996). O contexto possível de desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 6, 1-10.
- Rossetti-Ferreira, M.C. & Amorim, K. (1996). *Relação entre a creche durante o processo de inserção de bebês*. Trabalho apresentado no Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança, Brasília.
- Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K. & Silva, A. P. S. (1996). Uma abordagem teórico-metodológica para análise do desenvolvimento infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 1-10.

- Varin, D., Crugnola, C. R., Molina, P. & Ripamonti, C. (1996). Sensitive periods in the development of attachment and the age of entry into day care. *European Journal of Psychology of Education, 11*, 215-229.
- Vitória, T. & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa, 86*, 55-64.
- Zajdeman, H. S. & Minnes, P. M. (1991). Predictors of children's adjustment to day care. *Early Child Development and Care, 74*, 11-28.
- Weinraub, M. & Lewis, M. (1977). The determinant of children's responses to separation. *Monographs of Society for Research in Child Development, 172*, 42(4).
- Zigler, E. & Ennis, P. (1989). The child. *Psychology, 30*, 116-125.

Sobre os autores:

Andrea Rapoport é psicóloga, doutoranda do curso de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da UFRGS.

Cesar Augusto Piccinini é psicólogo, doutor em Psicologia (Inglaterra), pesquisador do CNPq e professor do Instituto de Psicologia da UFRGS.